

DANIEL SMITH

Autor de *Pensar como Steve Jobs* e *Pensar como Churchill*



Pensar como
NELSON MANDELA

BIOGRAFIA INSPIRADORA DO MAIOR SÍMBOLO DE SEMPRE
DA LUTA CONTRA O APARTHEID

v o g a i s

Em memória de Zöe Anne Wright (nascida Lloyd)
7 de junho de 1975 – 31 de dezembro de 2013

(Pensar como Zöe: procurar ser feliz em tudo o que se faz;
não trabalhar em excesso; passar tempo com amigos
e família; não resmungar muito; ter uma aventura por dia,
ser bondoso; ser voluntário)

ÍNDICE

Introdução	9
Cronologia de Uma Vida Notável	14
Acredite que Pode Deixar Uma Marca	22
Desafie o <i>Statu Quo</i>	27
Converta-se à Educação	31
Corpo São em Mente Sã	37
▶ <i>O Olho do Tigre</i>	39
Aprenda as Lições da História	42
Coma e Beba como Nelson	47
Descubra a Sua Causa	52
▶ Apartheid	55
Concentre-se na Evolução Pessoal	58
▶ <i>A Carta da Liberdade</i>	63
O Progresso Começa em Si	65
Reajustar a Bússola Moral: A Passagem da Desobediência Civil para a Luta Armada	71
▶ <i>O Massacre de Sharpeville</i>	80
Inspire pelo Exemplo	83
Os Que Inspiraram Mandela	89
▶ <i>A Ligação Indiana</i>	94
Seja Uma Pessoa do Povo	99
Escolha sabiamente os Seus Amigos	103
▶ <i>Perfil: Walter Sisulu</i>	106
▶ <i>Perfil: Oliver Tambo</i>	109
Transmita a Mensagem	112
▶ <i>O Julgamento de Rivonia</i>	117

O Poder da Celebridade	121
Vista-se bem	125
Mostre Coragem face à Adversidade	130
▶ <i>Como Cresce a Sua Horta?</i>	135
Converta-se à Cultura	138
Viva Uma Vida Literária	141
▶ Invictus	147
Relação com os <i>Media</i>	149
Avance ao Seu Ritmo	153
▶ <i>Ajuste os Auriculares</i>	156
Seja Adaptável	159
Seja a Pessoa Maior	164
▶ <i>A Comissão para a Verdade e Reconciliação</i>	169
Mantenha Privada Uma Parte de Si	172
▶ <i>As Mulheres de Mandela</i>	176
Mestre na Arte da Negociação	181
Lições no Nascimento de Uma Nação	186
▶ <i>Passar para Offline</i>	190
Lembre-se de que Desporto e Política <i>Combinam</i> bem	193
▶ <i>A Taça do Mundo de Râguebi de 1995</i>	195
Saiba Quando se Afastar	199
Assegure o Seu Legado	203
Confie na Juventude	208
▶ <i>Os Anciãos</i>	211
Citações acerca de Mandela	214
Bibliografia	216

INTRODUÇÃO

«Ele está no epicentro do nosso tempo,
do nosso, na África do Sul,
e do vosso, onde quer que estejam.»

NADINE GORDIMER,
LAUREADA COM O PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA

O primeiro manuscrito deste livro foi generosamente polvilhado com verbos no presente do indicativo. Ou seja, enquanto o escrevia, Madiba — apesar de idoso e com uma saúde debilitada — ainda estava muito *con-nosco*. Por um triste acaso, acabei de escrever as últimas poucas palavras na noite de 5 de dezembro de 2013. Preparei prontamente o que pensei que seria uma chávena de chá comemorativa e liguei o rádio enquanto a água fervia na chaleira. Claro que a primeira coisa que ouvi foi um locutor a anunciar tristemente que Mandela tinha falecido. O facto de minutos antes ter estado a escrever sobre ele no presente do indicativo só tornou a notícia mais comovente para mim.

Nos dias que se seguiram, a nata da sociedade avançou para prestar o seu tributo. Alguns pareciam ter aumentado em estatura, ficando à altura da ocasião com dignidade e discernimento; outros pareciam simplesmente ter encolhido, na sombra de Mandela. Mas foram as palavras que um colega me dirigiu, um dia depois da morte de Mandela, que se fixaram na minha memória. «Se ontem de manhã me tivessem pedido para nomear o mais grandioso ser humano vivo no mundo, eu poderia ter respondido. Perguntem-me hoje e eu simplesmente não sei.» Isto, penso eu, demonstra bem o papel de Mandela na nossa história coletiva.

Sem sombra de dúvida, Mandela exige um lugar no grupo seleto daqueles que podem legitimamente ser chamados os gigantes do século xx. Após anos de dolorosa luta que viram a África do Sul ser libertada da escravidão do *apartheid*, ele passou a ser conhecido para sempre, não só no seu país mas em todo o mundo, como uma força unificadora. De uma forma quase única, era uma figura tão popular junto dos residentes mais pobres dos bairros mais desfavorecidos em Joanesburgo, como junto dos políticos e celebridades que pediam para ser fotografados ao seu lado.

É testemunho da perenidade da sua importância o facto de os comentadores terem passado os meses que antecederam a sua morte a interrogarem-se sobre se a África do Sul poderia perdurar sem ele. Muito simplesmente, com certeza que perdurará, e o facto de estar equipada para isso — ainda que de modo imperfeito — é certamente o seu maior legado. Todavia, poucos poderão duvidar que a Nação Arco-íris¹ está realmente diminuída pela sua falta.

¹ Foi com esta expressão que o arcebispo Desmond Tutu descreveu a África do Sul pós-*apartheid*, depois das primeiras eleições democráticas em 1994. [N. do E.]

Se é certo que o fim do domínio branco na África do Sul surgiu de modo quase tão súbito e dramático como o colapso do comunismo na Europa — acontecimentos que foram quase contemporâneos —, não se deve esconder o facto de que Mandela liderou um movimento cujos membros suportaram sacrifícios devastadores durante décadas. Ele próprio emergiu após quase 30 anos na prisão, para supervisionar as negociações finais que trouxeram, pela primeira vez, a democracia multirracial a este país. Mais significativo, talvez, foi o facto de a transição final ter decorrido em ambiente de relativa paz.

Em 1994, Mandela tornou-se presidente da nação e líder de um governo dominado pelo seu Congresso Nacional Africano, uma organização que fora tratada pelo regime de *apartheid* como uma organização terrorista até há bem pouco tempo. Durante o seu mandato, recolocou a África do Sul no palco global, após muitos anos de isolamento internacional. Internamente, manteve o país em funcionamento, num momento em que uma figura menor poderia ter perdido o controlo. É evidente que houve problemas, muitos dos quais ainda hoje persistem. A profunda desigualdade de rendimentos significa que a África do Sul permanece um país em que uns têm e outros não têm, ao mesmo tempo que o crime e o VIH/sida são um flagelo para milhões de vidas. Contudo, tanto a população branca como a negra permaneceram esmagadoramente empenhadas no ideal de uma sociedade em que o destino de cada um não dependa da cor da pele.

Confrontado com a mais precária e instável das situações, Mandela revelou uma confiante capacidade de progredir rapidamente, até desistir da presidência em 1999. O desejo de manter o poder a todo o custo não era para ele, apesar de ser uma tentação a que tantos dirigentes na África pós-colonial não

resistiram. Pelo contrário, abdicou do poder para o entregar à geração seguinte, consciente de que o futuro do país não devia ficar amarrado a um único indivíduo. Ao afastar-se da linha da frente política, transformou-se num estadista sénior, sendo uma força estabilizadora no plano interno e um orador pela paz e pela justiça no plano internacional.

De facto, para milhões de pessoas em todo o mundo, passou a ser nada menos do que um ícone. Um combatente pela liberdade que, por vezes assim pareceu, tinha derrubado praticamente sozinho um sistema corrupto e insolvente. Nos anos que se seguiram a 1990, desenvolveu uma aura exterior de uma tranquilidade quase sobre-humana. Tornou-se o epítome do perdão e da calma interior, um símbolo de equanimidade. Aqueles que o conheciam falavam da sua notável capacidade de estar tranquilo. Nunca procurou criar uma aura para si mesmo, mas teve sobre ele uma pressão imposta por um mundo sedento de heróis numa época em que havia poucos.

Mas Mandela foi o primeiro a admitir que estava longe de ser angélico. Era, como todos somos, muito mais complexo do que isso. Evidentemente, até às décadas mais recentes, Mandela nem sempre foi uma figura tão calorosamente acolhida. Orientado por grandes objetivos, podia ser implacavelmente pragmático na tentativa de os alcançar. Durante grande parte da sua vida, foi encarado, mesmo por alguns que vieram a celebrá-lo, não tanto como um lutador pela libertação mas sim como terrorista. É verdade que chegou a acreditar que o protesto civil que Gandhi defendia na Índia não se adequava à África do Sul, e que acabaria por tolerar e prosseguir ativamente a luta armada. Insolitamente, só em 2008 é que Mandela foi finalmente retirado da lista de vigilância de terrorismo dos EUA. Além do mais, as suas inclinações políticas eram instintivamente de

esquerda, o que nem sempre lhe granjeou a simpatia dos dirigentes ocidentais envolvidos na Guerra Fria. Também a sua vida pessoal não foi isenta de complicações, com dois casamentos que terminaram em divórcios conflituosos.

Embora Mandela fosse tratado como uma figura praticamente isenta de censura nos anos que se seguiram à sua libertação da prisão, a verdade sobre o homem foi consideravelmente mais matizada. Isto não implica qualquer crítica. Simplesmente reconhece que, em simultâneo com a miríade das suas qualidades, aptidões e talentos, tinha também as suas fraquezas e as suas falhas. Afinal, não era um santo nem um anjo, mas um ser humano como qualquer um de nós, que abdicou de muito para consolidar o seu lugar na História. Este livro irá, espero, lançar alguma luz sobre as ideias, atitudes e motivações que moldaram uma das maiores figuras da nossa era.

CRONOLOGIA DE UMA VIDA NOTÁVEL

1918 Rolihlahla Dalibhunga Mandela nasce a 18 de julho, no Transkei, no nordeste da província do Cabo Oriental, na África do Sul, filho de Gadla Mphakanyiswa e Nonqaphi Nosekeni.

1920 A família Mandela muda-se para a vila de Qunu, para onde Nelson se retirará após a sua aposentação.

1925 Mandela inicia a sua escolaridade, sendo o primeiro da família a frequentar a escola. A professora dá-lhe o nome de Nelson.

1927 Morre Gadla Mphakanyiswa. Mandela fica aos cuidados de Jongintaba Dalindyebo, regente do povo Tembu, e é educado na residência real.

1939 Mandela matricula-se na Universidade de Fort Hare, para receber formação para funcionário público.

1940	É afastado de Fort Hare sem concluir a formação, devido ao seu envolvimento num protesto contra as autoridades universitárias.
1941	Confrontado com um casamento previamente combinado, Mandela foge para Joanesburgo, onde trava amizade com Walter Sisulu e começa a trabalhar num escritório de advogados.
1942	Mandela envolve-se com o Congresso Nacional Africano (ANC).
1943	Matricula-se em Direito na Universidade de Witwatersrand.
1944	Com Oliver Tambo e Walter Sisulu, adere ao ANC e é cofundador da Liga da Juventude do ANC (ANCYL). Contraí matrimónio com Evelyn Mase.
1945	Evelyn dá à luz um filho, Madiba Thembekile.
1947	Mandela é eleito executivo provincial do ANC no Transvaal. Evelyn dá à luz uma filha, Makaziwe, que morre aos nove meses de idade.
1948	O Partido Nacional ascende ao poder e inicia a implementação do seu programa de <i>apartheid</i> .
1949	A ANCYL responde com um Programa de Ação, uma campanha de resistência passiva que compreende greves generalizadas, boicotes e outros protestos.
1950	Mandela incorpora o Comité Executivo do ANC e assume a presidência da ANCYL. Evelyn dá à luz um filho, Makgatho.

1952	Mandela e Oliver Tambo estabelecem o primeiro escritório de advogados negros. O ANC lança a campanha não-violenta de Desafio contra Leis Injustas. Mandela é acusado de violar a Lei da Supressão do Comunismo e é condenado com pena suspensa. É também proibido de participar em reuniões públicas. Apesar disso, é eleito presidente-adjunto do ANC e começa a delinear planos para campanhas clandestinas.
1954	Evelyn dá à luz uma filha, Pumla Makaziwe (Maki).
1955	O ANC cria o Congresso do Povo, uma organização que pretende representar todas as raças para desenvolver um conjunto de princípios para uma nova África do Sul. Estes princípios são coligidos na Carta da Liberdade.
1956	Em dezembro, Mandela e cerca de 150 companheiros são detidos. O seu posterior julgamento por alta traição arrastar-se-á por vários anos.
1957	Mandela e Evelyn divorciam-se.
1958	Mandela casa-se com Winnie Madikizela.
1959	O Congresso Pan-africano separa-se do ANC. O parlamento estabelece diversos bantustões e inicia o restabelecimento forçado dos negros, um ato a que o ANC se opõe veementemente. Winnie dá à luz uma filha, Zenani.
1960	Winnie dá à luz uma filha, Zindziswa (Zindzi). Em março, o massacre de Sharpeville faz concentrar a atenção internacional no regime de <i>apartheid</i> .

1961	Mandela e os seus corréus são absolvidos no chamado «Julgamento por Traição». Subsequentemente, passa à clandestinidade e torna-se comandante-chefe da <i>Umkhonto we Sizwe</i> , ou Lança da Nação (MK), o recém-formado braço armado do ANC.
1962	Depois de regressar de uma série de viagens pela Europa e pela África para recolha de informações, Mandela é acusado de abandonar o país sem autorização e de incitar a greves de trabalhadores. É condenado a cinco anos de prisão.
1963	No seguimento de um assalto a um edifício do ANC em Rivonia, Mandela é um dos diversos líderes do ANC a ser acusado de atentado para derrubar o governo pela violência.
1964	Em abril, Mandela profere o seu marcante discurso no julgamento de Rivonia. É considerado culpado, condenado a prisão perpétua e enviado para Robben Island.
1968	Morre a mãe de Mandela. É-lhe recusada autorização para comparecer ao funeral.
1969	O filho mais velho de Mandela, Thembi, morre num acidente de viação. Mais uma vez, as autoridades prisionais recusam-lhe a autorização para comparecer ao funeral.
1974–5	Mandela escreve a sua biografia em segredo.
1976	Rejeita uma redução condicional da sua sentença.

1980	Oliver Tambo, no exílio, lidera a campanha do ANC «Libertem Mandela».
1982	Mandela é transferido de Robben Island para a prisão Pollsmoor, no continente.
1983–4	A violência propaga-se a partir dos subúrbios negros de Joanesburgo, em protesto contra os aumentos de rendas de casa e o não cumprimento por parte do governo de assegurar representação parlamentar aos negros. Greves e boicotes são complementados pelo aumento da atividade de guerrilheiros MK.
1985	Mandela rejeita a oferta de libertação proposta pelo primeiro-ministro P. W. Botha a troco da renúncia à violência, na mesma altura em que é declarado o estado de emergência. Contudo, são abertos canais informais de contacto entre Mandela e o governo.
1986	Mandela inicia conversações com o primeiro-ministro P. W. Botha mas não informa de imediato os seus companheiros do ANC. Entretanto, Winnie capta a atenção internacional quando profere um discurso que é largamente interpretado como um apelo à violência.
1987	Espalham-se notícias sobre as conversações privadas de Mandela com o governo. As reações no interior do ANC vão desde o total apoio a acusações de traição.
1988	Mandela é transferido para a prisão Victor Verster após um surto de tuberculose. Em dezembro,

	quatro jovens são sequestrados e agredidos por membros do Mandela United Football Club (os guarda-costas de Winnie Mandela). Um deles, Stompie Seipei, de 14 anos, é assassinado.
1989	F. W. de Klerk sucede a Botha como primeiro-ministro. Prosseguem as conversações com Mandela e De Klerk começa a libertar presos políticos e aceita o princípio da «partilha de poder».
1990	A 2 de fevereiro, De Klerk levanta as proibições sobre o ANC. Nove dias depois, Mandela é libertado da prisão. É nomeado vice-presidente do ANC. Iniciam-se as conversações entre o ANC e o Partido Nacional sobre o futuro da África do Sul. Mandela e De Klerk prosseguem conversações privadas no cenário de uma onda de violência em muitos bairros negros, sobretudo em Natal.
1991	Winnie Mandela é condenada pela sua participação nos sequestros de 1988, que culminaram na morte de Stompie Seipei. A sua pena de seis anos de prisão é reduzida para pena suspensa e multa no recurso. Entretanto, o seu marido é eleito presidente do ANC.
1992	Mandela e Winnie anunciam a separação. Surge tensão entre Mandela e De Klerk quando o primeiro acusa a polícia pela ascensão da maré de violência que varre o país e o ANC prepara uma greve geral. Em setembro, Mandela e De Klerk assinam um Pacto de Entendimento para investigação das atividades da polícia e para a marcação de eleições

	para uma Assembleia Constituinte, de modo a preparar uma nova Constituição Nacional.
1993	Mandela apela à calma no rescaldo do assassínio da proeminente figura do ANC, Chris Hani, por um extremista, a 10 de abril. Mandela e De Klerk são ambos galardoados com o Prémio Nobel da Paz.
1994	O ANC conquista a maioria nas primeiras eleições gerais livres, democráticas e multirraciais. A 10 de maio, Mandela é empossado como presidente da África do Sul.
1995	É criado o Fundo Nelson Mandela Para as Crianças.
1996	Mandela e Winnie divorciam-se. É criada a Comissão para a Verdade e Reconciliação.
1998	A 18 de julho, no dia do seu 80.º aniversário, Mandela casa-se com Graça Machel.
1999	O ANC vence as eleições gerais. A presidência transita de Mandela para Thabo Mbeki. É criada a Fundação Nelson Mandela.
2000	Mandela anuncia a sua retirada da vida pública.
2001	É-lhe diagnosticado um cancro na próstata.
2002	É criada a Fundação Mandela Rhodes.
2003	Mandela pronuncia-se contra a guerra conduzida pelos Americanos no Iraque.
2004	Com o declínio da sua saúde, Mandela «retira-se do seu retiro».

2005	Makgatho, filho de Mandela e Evelyn, morre vítima de sida.
2007	É inaugurada uma estátua de Mandela na Parliament Square, em Londres. Entretanto, é criado o Grupo dos Anciãos inspirados por Mandela.
2009	A ONU assinala o primeiro Dia Internacional de Nelson Mandela, a 18 de julho, a data do seu aniversário.
2013	Mandela passa longos períodos hospitalizado, à medida que a sua saúde se deteriora. Morre a 5 de dezembro, aos 95 anos, na sua casa em Houghton, Joanesburgo, rodeado pela família.

Acredite que Pode Deixar Uma Marca

«Por legado dos meus antepassados, nasci para governar...
A minha verdadeira vocação foi servir o povo.»

NELSON MANDELA, 2003

Quando Nelson Mandela nasceu, nada fazia prever que estivesse destinado a ser uma das mais importantes figuras da política global do seu tempo. Contudo, nunca lhe faltou autoconfiança, profundamente convicto de que tinha tanto valor como qualquer outro ser humano. Não se pretende com isto dizer que ele pensasse que não havia pessoas «melhores» do que ele — quer isso significasse mais sensatas, intelectualmente mais inteligentes, fisicamente mais fortes ou mais dotadas de qualquer outra forma. Pelo contrário, era um reflexo da convicção fundamental de Mandela na meritocracia; a ideia de que nenhum indivíduo deve ser julgado pelas circunstâncias do seu nascimento, mas antes pelo seu carácter e pelas suas ações.

Que uma criança negra na África do Sul do início do século xx pudesse estar tão imbuída dos ideais da meritocracia era algo raro, já que a origem étnica tinha um impacto decisivo nas suas perspectivas de vida naquela sociedade. Todavia, numa época em que milhões de pessoas viam as suas

vidas profundamente devastadas devido apenas à cor da sua pele, Mandela conseguiu permanecer fiel à noção de que todos os seres humanos chegam ao mundo como iguais.

Mandela nasceu a 18 de julho de 1918, em Mvezo, uma pequena aldeia no Transkei, na região oriental que é hoje a província do Cabo Oriental. À data do seu nascimento, a população negra maioritária era subjugada desde há séculos por uma intranquila mescla de colonos holandeses e britânicos. Um exemplo dos seus institucionalizados maus-tratos foi o Native's Land Act, de 1913. Esta lei regulava a posse de terra pelos negros numa época em que apenas cerca de sete por cento do território nacional se encontrava na sua posse, apesar de constituírem dois terços da população.

É possível pensar que, se Mandela tivesse nascido na pobreza nos confins de um subúrbio, o mundo teria sido privado da sua influência. Mas, pelo contrário, ele cresceu no seio de uma família descendente da nobreza tribal tembu (os Tembu eram uma das 12 tribos da nação xhosa). De acordo com as regras da descendência patriarcal que vigoravam entre as tribos, o pai de Mandela, Gadla Mphakanyiswa, estava excluído do exercício dos cargos públicos mais altos, mas foi um chefe local e conselheiro do rei tembu. Como filho da terceira mulher do seu pai, Mandela poderia esperar um papel semelhante quando fosse adulto.

Assim, embora a citação de Mandela no início deste capítulo (proferida em 2013) possa dar origem a interpretações erradas, ele não nasceu de facto no seio de uma elite. Quando ainda era muito jovem, o pai foi considerado culpado por insubordinação perante um magistrado local e perdeu o seu título, bem como grande parte dos seus bens. Apesar disso, o jovem Mandela continuaria a receber um certo grau de deferência por

parte dos seus contemporâneos e pôde ver de perto como funcionavam as estruturas tradicionais do poder em África.

Teve também um papel proeminente junto da sua família mais próxima, como primeiro filho da sua mãe, Nonqaphi Nosekeni, e irmão mais velho de três irmãs (o pai teve um total de 13 filhos, pelo que houve também vários meios-irmãos e irmãs). Numa sociedade fortemente patriarcal, terá sentido o fardo da responsabilidade de forma ainda mais aguda com a morte do seu pai, em 1927. Foi uma lição precoce sobre como lidar com a perda pessoal e a tragédia — uma dura mas valiosa lição para um homem que iria sofrer ambas com uma desencorajante regularidade ao longo da sua vida.

Após o falecimento do seu pai, foi apadrinhado pelo regente tembu, Jongintaba Dalindyebo. Mudou-se para os extensos recintos pessoais do regente, conhecidos como o «Grande Lugar», onde recebeu ainda maior exposição aos mecanismos da governação tribal. Assistiu de perto às reuniões tribais exclusivamente masculinas, ao ar livre, nas quais se ouvia e proferia uma vasta gama de opiniões sobre os mais diversos assuntos, até ser maioritariamente acordado um plano de ação. Era a democracia consensual em ação, e isso acompanharia Mandela ao longo de toda a sua carreira. Num discurso que proferiu pouco depois da sua libertação da prisão, em 1990, refletiu sobre algumas das lições que aprendera naquele período:

Nos nossos costumes e na nossa História, o chefe é o intérprete do seu povo. Ele deve escutar as queixas do seu povo. Ele é o guardião das suas esperanças e desejos. E se qualquer chefe decide ser um tirano e tomar decisões pelo seu povo, terá um destino trágico, pois iremos tratar dele.

Foram dadas ao jovem Mandela as ferramentas para fazer a diferença e aprender algumas das estratégias necessárias para o conseguir de forma mais eficaz. Decisivamente, ele quis também aceitar o desafio.

Figura incontornável da História Mundial, Nelson Mandela dedicou grande parte da sua vida a combater o *apartheid* na África do Sul. Uma luta que o levaria à prisão mas que acabou por culminar na vitória do ANC nas primeiras eleições livres e conduzir Mandela à presidência do país.



INSPIRE-SE COM O IMPRESSIONANTE PERCURSO DE MANDELA E APRENDA A NÃO DESISTIR DOS SEUS SONHOS.

Líder carismático do ANC (Congresso Nacional Africano), lutou durante décadas contra o regime do *apartheid* e, depois de 27 anos de prisão, tornou-se o primeiro presidente negro de um país livre de divisões raciais. Um dos mais respeitados líderes dos tempos modernos, Nelson Mandela inspirou gerações de políticos, pensadores e cidadãos comuns um pouco por todo o mundo.

Este livro inspiracional reúne os ideais e filosofias de Mandela e revela como estes podem ser aplicados a todas as áreas da sua vida. Vai ficar a saber o que inspirou este grande homem e conhecer a história extraordinária da vida e obra de Mandela, que o fez chegar ao epíteto de pai da moderna nação sul-africana.

QUE LIÇÕES PODE APRENDER COM ESTE CASO ÚNICO DE LIDERANÇA DE UM JOVEM QUE COMEÇOU COMO APAIXONADO ATIVISTA E CHEGOU A GRANDE ESTADISTA?

Agir com determinação e confiança • Ser consistente e perseverante na defesa dos seus ideais • Assumir uma postura discreta mas marcante • Encorajar e incentivar-se a si e aos outros • Estabelecer objetivos e perseguir-los

 com todas as letras 20 20 editora	ISBN 978-989-668-438-9  9 789896 684389 Biografia/Memórias
--	--